

## RESENHA

### **NIETZSCHE E FENOMENOLOGIA<sup>1</sup>: POTÊNCIA (PODER)<sup>2</sup>, VIDA, SUBJETIVIDADE**

Diogo Heber Albino de Almeida<sup>3</sup>

BOUBLIL, Élodie & DAIGLE, Christine (Orgs.). *Nietzsche and Phenomenology: Power, Life, Subjectivity*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2013.

A recente obra é organizada por Élodie Boubilil e Christine Daigle. Boubilil é, segundo ficha técnica no final do livro, graduada na Universidade de Sorbonne (Paris I) e em *L'Institut d'études politiques* (Sciences-Po) de Paris. Atualmente doutora-se na Universidade McGill e leciona filosofia na Escola Internacional das Nações Unidas, em Nova Iorque. Seus estudos são mesmo em torno de Husserl, Heidegger e Nietzsche. Daigle é professora de filosofia e ocupa a cadeira de Chanceler por Excelência em Pesquisa na Brock University. Seus estudos se dão mesmo em torno de Sartre, Simone de Beauvoir e Nietzsche.

---

<sup>1</sup> Toda tradução que surgir, a partir deste ponto, ao longo do texto, é de nossa autoria e, portanto, responsabilidade.

<sup>2</sup> A fim de elucidar bem essa questão, segue nota publicada em obra de Wolfgang Müller-Lauter, traduzida por Giacoia Jr., e apresentada por Marton, no Brasil: Optamos por traduzir a expressão *Wille zur Macht* por vontade de potência. E isto por várias razões. Adotamos a escolha feita por Rubens Rodrigues Torres Filho na sua tradução para o volume *Nietzsche – Obras Incompletas* da coleção “Os Pensadores” (São Paulo, Abril Cultural, 2ª ed., 1978). Permanecemos fieis a outros escritos nossos, em que desde 1979 fizemos essa opção. Se traduzir *Wille zur Macht* por vontade de potência pode induzir o leitor a alguns equívocos, como o de conferir ao termo “potência” conotação aristotélica, traduzir a expressão por vontade de poder corre o risco de levá-los a outros, como o de tomar o vocábulo “poder” estritamente no sentido político (e, neste caso, contribuir – sem que seja essa a intenção – para reforçar eventualmente apropriações indevidas do pensamento nietzschiano). Mesmo correndo o risco de fazer má filologia, parece-nos ser possível entender o termo *Wille* enquanto disposição, tendência, impulso e o vocábulo *Macht*, associado ao verbo *machen*, como fazer, produzir, formar, efetuar, criar. Enquanto força evidente, a vontade de potência é força plástica, criadora. É o impulso de toda força a efetivar-se e, com isso, criar novas configurações em relação com as demais. Contudo, a principal razão, que nos leva a manter a escolha que fizemos, consiste em oferecer ao leitor, com as duas opções de tradução (“vontade de potência” e “vontade de poder”), a possibilidade de enriquecer sua compreensão dos sentidos que a concepção *Wille zur Macht* abriga em Nietzsche. (GIACOIA JR., 1987, pp. 10-11 In MÜLLER-LAUTER, W. *A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche*. Apresentação Scarlett Marton, Tradução Oswaldo Giacoia Junior. 2ª edição. Coleção E: 6. São Paulo: Annablume, 1987). Por precaução, “poder” ou “potência”, esses dois termos, vão manter-se nesse título, conforme ali colocado, com o “poder” entre parênteses, por haver uma questão de embate conceitual sobre esse aspecto nas análises brasileiras sobre o assunto.

<sup>3</sup> Matriculado junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (mestrado) da Universidade Estadual de Maringá. Professor contratado das Faculdades Integradas de Ourinhos (SP). E-mail: diogojacarezinho01@gmail.com

### **Por uma introdução ao tema: “Nietzsche Fenomenólogo”**

O “conhecimento”, segundo uma tradição filosófica, sempre se compreendeu como uma relação apenas interna, observando as estruturas externas, ou, não menos simplesmente – como outrora, as estruturas externas moldando as internas. Entretanto, atualmente há quem compreenda a forma de se conhecer que escapa desse parâmetro sujeito *versus* objeto, mas sim, um “entrelaçamento”, ou um duplo envolvimento de interesses, que se nota e se demonstra, e que finalmente se complementa, ao observar algum “objeto” que se percebe, e que, quando se vai até ele, já há nisso alguma pré-determinação. Toda essa narração teórica, que se apresenta um tanto quanto confusa, é – na verdade, como se compreende um discernimento de mundo, uma compreensão que se pode chamar “conhecimento”, como fruto das especulações e dos estudos da fenomenologia.

Na história desse campo do conhecimento, vale lembrar, se destacam alguns nomes como Husserl, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, por exemplo, e que se encontram, de certa forma, com Friedrich Nietzsche. Não é propósito, certamente, deste presente trabalho, esgotar uma longa e vasta apresentação sobre os pensadores citados. Porém, esse último indica um caminho de conhecimento, e algum “saber”, que não se molda aos parâmetros da tradição conforme cartesianamente nos vemos inseridos, mas sim, de maneira mais irracionalista, tira do “sujeito pensante” esse mérito absoluto, se esquivando de tal forma de Racionalismo, para buscar o que o pensador chama de “Grande Razão”. Vale dizer, que tais atribuições de percepção são chamadas de estético-sensitiva dos afetos, por meio do “corpo”.

Nietzsche, em *HDH*, deixa algumas pistas do que se pretende, quando diz:

você deve aprender a perceber o que há de perspectivista em cada valoração – o deslocamento, a distorção e a aparente teleologia dos horizontes, e tudo o que se relaciona à perspectiva; também o quê de estupidez que há nas oposições de valores e a perda intelectual com que se paga todo pró e todo contra (NIETZSCHE, 2007, p. 12-13).

Rüdiger Safranski vai falar de um “Nietzsche como Fenomenólogo”.

É preciso aquecer com ilusões, parcialidades, paixões”, escrevera Nietzsche em “*Humano, Demasiado Humano*”, acrescentando, para não parecer negligente: no interesse da autopreservação e da cultura

deveria aparecer também uma ciência esfriadora, ou haveria o perigo de que idiosincrasias artisticamente fecundas se tornassem “consequências malignas e perigosas de um superaquecimento (NIETZSCHE *apud* SAFRANSKI, 2012, p. 185).

A ciência seria justamente o ponto de esfriamento dos sentimentos mais fortes da vontade humana. Seria o que daria algum equilíbrio em nosso *pathos*, nossas emoções e sensações. Somente assim se poderia chegar a um conhecimento puro. Segue o autor dizendo que

Nesse modelo [de conhecimento], a ciência vale como um poder de compensação. A vida individual é perspectivista, envolta em uma atmosfera de delírio e não-saber. Mas tal limitação é indispensável no processo criativo da vida. Os artistas sabem muito bem disso, pois neles manias e obsessões são forças pulsionais. Porém, também sabem que só o cálculo frio, a vontade formal reflexiva, a razão construtiva endurecem numa forma bem-sucedida a ardente matéria do entusiasmo. Isso vale para a arte, mas também para a cultura como um todo. O processo vital, com suas teimosias apaixonadas, tem de ser resfriado no ambiente da ciência. Em um fragmento do seu espólio, de 1877, Nietzsche escreve: “Os métodos científicos desoneram o mundo do grande *pathos*, mostram como laboramos infundadamente nessa elevação do sentimento”. As ciências também estão ligadas a perspectivas, mas podem elevar-se acima delas: elas ampliam o olhar e possibilitam relativizar a própria localização no todo. E isso não porque a ciência esteja mais próxima da verdade absoluta. Ao contrário: é a paixão, com sua parcialidade vital, que se faz absoluta e não permite nada fora dela (NIETZSCHE *apud* SAFRANSKI, 2012, p. 185).

Gilvan Fogel (2005, p. 22-24), em tempo, relata:

De modo geral, todas “correntes” ou “escolas” têm um ponto de partida comum – uma evidência – para colocar e discutir o problema do conhecimento; é evidente que o problema do conhecimento se faz desde e como a relação de um sujeito (homem) com um objeto (mundo). [...] Uma vez estabelecido o dualismo-paralelismo das substâncias, coloca-se a seguinte questão: como o pólo-sujeito (o cogito, o “dentro”, o “interior”) pode atingir e apreender o pólo objeto (o “fora”, o “externo”, o extenso em sentido lato)? [...] Esse problema, também conhecido como o “problema da ponte”, isto é, da junção, da conexão ou da “passagem” do “dentro” para o “fora”, do “sujeito” para o “objeto”, é que propriamente origina a teoria do conhecimento.

O problema não está exatamente nisso que se fez por citado, mas, o que o autor diz logo em seguida, sobre o processo do conhecimento: “a chamada teoria do conhecimento toma o conhecimento ao mesmo tempo como sujeito e representação e como objeto, isto

é, como um algo fora do próprio sujeito e do próprio conhecimento, que estivesse aí fora e dado e sobre o qual se devesse discorrer, discursar” (FOGEL, 2005, p. 24).

Parte-se, nesse momento, para o que Nietzsche considera sobre o processo de conhecimento como fenomenológico.

Como explicar o conhecimento? Que direção tomar? Vimos pontuando, esboçando um caminho, que é sugerido pela nossa epígrafe. Ela tem sido o nosso norte, quer dizer, guiados por ela, estamos nos orientando para ela. Ouçamo-la, de novo: “Em lugar da teoria do conhecimento uma doutrina *perspectivística dos afetos*” – “*eine Perspektivenlehre der Affekte*”<sup>4</sup>. [...] Nossa afirmação maior reza: tudo quanto é e há, é e há à medida que já é ou já está articulado num interesse, isto é, num modo de ser, que também se denomina perspectiva, uma vez que é nesse e desde esse (tal ou qual seja) “interesse” que o que é e há se mostra, aparece, faz-se visível. Perspectiva – *perspicere* – fala do elemento, do médium como o lugar de instauração ou a instância do fazer-se visível – ser-aparecer. [...] Conhecimento é também e principalmente simpatia. Conhecer é fazer a mesma viagem ou a própria viagem – como já dissemos: um andar junto, que é “*con-crescer*”, “*con-nascer*” (FOGEL, 2005, p. 46-48).

O que tenta o autor deixar claro, apesar de alguma densidade na narrativa, é que o conhecimento se daria por uma mão de dupla mão, e que isso deveria se dar de maneira sincrônica, correspondente, de maneira pluralizada.

### **Análise da obra *Nietzsche e Fenomenologia***

Nota-se que, na Introdução dessa obra, podemos já ter uma ilustração do que será possível de se apreender de cada capítulo desse livro. As organizadoras explicam como conseguiram aproximar perspectivas filosóficas aparentemente distantes, porém, que teriam muita proximidade em alguns pontos que vão sendo destacados. As autoras do texto descrevem que colocar juntos Nietzsche e a Fenomenologia numa mesma abordagem poderia ser algo chocante para alguns, até mesmo desagradável para outros, tanto para nietzschianos quanto para fenomenólogos. Entretanto, seus esforços seriam mesmo de sair em busca de “outro método – outro caminho – [que] deveria ser implementado no intuito de, em última instância, desnudar algumas bases ontológicas e éticas comuns sobre as quais a humanidade poderia habitar” (BOUBLIL & DAIGLE, 2013, p. 1).

---

<sup>4</sup> Segundo o autor: Cf. NIETZSCHE, F. *Nietzsche. Werke – Kritische Gesamtausgabe*. Berlin, Walter de Gruyter, 1967 – 1978.

A despeito do que seria proposta da obra, dizem as autoras, que haveria um problema epistemológico e ontológico em Nietzsche, no que tange a diferenças quanto às proposições mais abordadas dentro da fenomenologia. Fosse com a proposta de Husserl de “superar o relativismo de valor e o positivismo teórico para o qual as críticas às metafísicas foram levadas” (BOUBLIL & DAIGLE, 2013, p. 1), ou mesmo na visão heideggeriana, que, segundo as autoras, seguindo a mesma proposta acaba enfatizando mais o sentido ontológico do que o epistemológico, fazendo a ideia do *Dasein* para uma interpretação do Ser, tomando um lugar que havia sido da metafísica. Ou então, em Merleau-Ponty e como as noções de percepção e intuição ajudaram a superar as conotações objetivas associadas com a noção de fundação cartesiana, e que “essas três abordagens fenomenológicas parecem demonstrar que há uma positividade em jogo na fenomenologia que iria além do processo destrutivo implementado pela filosofia de Nietzsche” (BOUBLIL & DAIGLE, 2013, p. 2). A sequência dessas observações é um questionamento sobre se se deveria mesmo estudar histórica e filosoficamente alguma relação entre o pensador do século XIX e tal campo do conhecimento filosófico e científico, da fenomenologia.

Durante toda a obra vai-se perceber o esforço para poder esclarecer quais seriam as relações mais próximas entre tais linhas de pensamento, bem como na mesma passagem introdutória as organizadoras da obra tentam resgatar o quanto teria sido feito ao longo do tempo, em termos de produção científico-acadêmica. Nesse caso, as autoras começam apontando o quanto o próprio Nietzsche teria sido mal interpretado ao longo do século XX, com muitos pesquisadores que se debruçaram sobre seus escritos, bem como até que ponto aspectos como “o mundo-da-vida” e “a vida como processo de constituição de sentido”, por exemplo, tinham coisas em comum em termos de estudos teóricos e científicos para a filosofia de ambos. Nesse caso, teria sido a contribuição do pensador, o estudioso, também autor colaborador desse livro, Rudolf Boehm. No entanto, destacam as autoras, quais seriam os objetivos do texto:

Queremos considerar a contribuição afirmativa de Nietzsche para a filosofia e examinar o que ele consiste em oferecer, uma análise procedimental puramente histórica com a recepção e a influência das obras de Nietzsche. Outrossim, objetiva-se revelar, fenomenologicamente, um empreendimento comum compartilhado por esses filósofos, dado seu conhecimento da necessidade de definir mais uma vez a subjetividade, e de examinar como se é informado por essa relação com a vida e com a potência. Dessa maneira nos será

permitido deitar nova luz sobre o projeto e a perspectiva da fenomenologia (BOUBLIL & DAIGLE, 2013, p. 3).

Outra das dificuldades é o fato de nem mesmo haver “unidade aparente dentro da fenomenologia”, entre os pensadores mesmo, desde Husserl, Fink, Heidegger ou Merleau-Ponty, destacando que ao mesmo tempo que não tem como se aterem em *um* Nietzsche, não há apenas *uma* fenomenologia. Porém, algo entre todos eles, faz com que seus autores, em geral, vejam alguma “inclinação no compromisso de compreender e decifrar o mundo e o ser humano nele em termos de subjetividade, forças vitais e potência (poder)” (BOUBLIL & DAIGLE, 2013, p. 3).

Contudo, as autoras argumentam que não é intenção do livro demonstrar que Nietzsche é um fenomenólogo antes de seu tempo, porém que, seu perspectivismo, sim, é o que as permite de empreender tal investigação, e que isso já seria o suficiente para observar alguns caminhos que se pudesse trilhar, que houvesse algum lugar para se alcançar. Diferente de uma *Holzwege*<sup>5</sup> em Heidegger. Outro ponto essencial é destacado nessa abertura sobre um problema ético e político, conseqüentemente, que teria surgido para a contemporaneidade, com a proclamada “morte de Deus”, que está nas palavras do homem louco na praça pública, na *Gaia Ciência*, e confirma-se que, ante tamanho desafio, ainda que dividida em três partes, sobre vários aspectos que envolvam os pontos essenciais de vida, potência (poder) e subjetividade, e apenas um volume seria insuficiente, em face de poder deixar, fatalmente, algumas questões sem respostas.

## **Descrição Geral dos Capítulos**

Os capítulos do livro encontram-se distribuídos ao longo de três partes, cada qual tratando algum aspecto a ser refletido em termos de Nietzsche e fenomenologia: Parte 1: Vida e Intencionalidade; Parte 2: Potência (Poder) e Expressão<sup>6</sup>; Parte 3: Subjetividade no Mundo. A obra ainda conta com um Index onomástico e um resumo informativo sobre a vida acadêmica dos colaboradores do livro.

---

<sup>5</sup> Esse conceito é, segundo a nota do próprio livro, uma referência “à famosa coleção de artigos de Heidegger, intitulada *Holzwege*. *Holzwege* são literalmente “caminhos nas florestas que não levam a lugar nenhum” (BOUBLIL & DAIGLE, 2013, p. 8). Essa alusão é quanto aos caminhos de Nietzsche que, para as autoras, pelo contrário, levam, afirmativamente, para algum lugar.

<sup>6</sup> *Power* está nesse subtítulo, obviamente, como oriundo de *Macht*, cujo termo é amplamente empregado, tanto na obra de Friedrich Nietzsche quanto por seus inúmeros estudiosos, por todo o mundo. Aqui, ele foi posto mesmo com o intuito de ressaltar esse conceito, e essa característica dentro do pensamento de Nietzsche, dando o tom de certa elevação ao “poder”, ou, à “potência”, e seus possíveis impactos dentro da história da Fenomenologia do século XX.

A primeira parte trata especificamente de abordagens em torno da “vida” e qual seria o caminho concebido pelos fenomenólogos em torno do “mundo-da-vida”, nas considerações feitas sobre as experiências subjetivas do mundo. No primeiro dos textos, Rudolf Boehm, este que foi o primeiro a abordar sobre proximidades do pensamento de Nietzsche e Husserl, abre a obra como primeiro capítulo, cujo título é “Husserl e Nietzsche”.

Em texto traduzido do alemão (*Husserl und Nietzsche*) – em 1968, pelas organizadoras, de artigo original publicado no francês (*Deux points of vue: Husserl et Nietzsche*) – em 1962, Boehm aborda a questão da vida e da razão, que ambos os pensadores teriam se aproximado, e que teria muita inspiração na ontologia da monadologia de Leibniz como uma interpretação da vida que superasse a metafísica e o pensamento representacional. Para o autor, essa seria uma forma de designar uma nova incumbência fundacional em termos de subjetividade moderna a fim de responder à crise niilista da Europa. Para isso o autor vai envolver questões como consciência, individuação e mundo, conforme uma intencionalidade que renovaria a concepção filosófica do chamado “reino fenomênico” e, portanto, isso seria importante para uma reconstrução da origem e do objetivo do processo de constituição de sentido, o que seria a despeito da finitude da subjetividade. Boehm propõe uma comparação sistemática, durante sua abordagem, entre Nietzsche – e seu “irracionalismo”, e Husserl – e seu “racionalismo”, que ambos fazem ganhar um novo estatuto, que se aproximam, entre a Vontade de Potência (Poder), do perspectivismo de Nietzsche, com a perspectiva Fenomenológica de Husserl. Isso, segundo o autor, vai calhar numa aproximação, inédita, entre o inexorável destino do “eterno retorno” de Nietzsche, e a escatológica “teleologia da história” de Husserl.

Christine Daigle, uma das organizadoras do livro, postula seu argumento de um “encontro intencional com ‘o mundo’”, partindo da obra *Humano, Demasiado Humano*. Como essa obra tem suas raízes já em *Sobre a Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral*, onde, em 1873, a autora expõe o quanto de nossas interpretações e leituras do mundo passariam por valores morais, muitas vezes não consistentes. Verifica também como postulamos no mundo certas verdades como oposição de mentira. Modelos e paradigmas sobre uma ordem que o mundo deveriam se encontrar e, no entanto, reduzimos tudo a esses modelos, verdades e paradigmas, sendo condição determinante na nossa perspectiva de mundo. Segundo a autora citada, o pensamento de Nietzsche teria sido uma forma biológica do sujeito kantiano – para ela, Nietzsche teria

“biologizado” Kant – onde, o que estaria em jogo é como transcenderíamos, como conhecimento fenomenal, entretanto, agora com a possibilidade de aceitar os sentidos e sentimentos do mundo, apreendendo o corpo como sábio, consciente e rico como fonte de racionalidade, não de uma “irracionalidade” tomada como epistemologicamente imprópria.

Em termos de consciência de mundo, e o que teria disso em Husserl, Daigle recorre ao fato de que o escritor de *Meditações Cartesianas* recorre a Descartes, bem como Nietzsche também teria publicado uma citação de abertura de *Humano, Demasiado Humano* com uma passagem do pensador racionalista francês, nas suas *Meditações Metafísicas*, e o quanto essa perspectiva teria causado um efeito fundamental sobre a fenomenologia, como busca pela verdade e pelo conhecimento, uma busca pela verdade, através da redução fenomenológica, como “*epoché*” – suspensão do juízo, e como transcendência do ego, uma representação de mundo, causada por nosso “*pathos*”.

A autora destaca o quanto desse pensamento de mundo seria psico-fisiológico, conforme nos teria apontado Nietzsche em *Gaia Ciência, Para Além de Bem e Mal e Aurora*.

Seguindo essa linha de raciocínio, a autora destaca o quanto de Nietzsche será fundamental sobre Merleau-Ponty, por exemplo, quanto à intencionalidade de mundo, do corpo, da “Grande Razão”, o que seria resultado de uma “vontade de potência”, “vontade para o poder”, conforme nos teria deixado Nietzsche em *Para Além de Bem e Mal*.

Grande importância é dada à *Genealogia da Moral*, como fonte de equiparação com as *Meditações Cartesianas*, de Husserl. Os textos vão desvelando, desde a vanguarda de Boehm – como já exposto, passando por Daigle, alcançando o que se pode depreender da “Genealogia de Nietzsche e da Fenomenologia Genética de Husserl” – como lembrado acima, em “O Caso do Sofrimento”, por Saulius Geniusas. Aqui, Geniusas vai relatar como seria a estrutura da experiência subjetiva no caso do sofrimento, tanto em Husserl quanto em Nietzsche – suas diferentes nuances, e como poderiam se aproximar por alguns momentos; uma “Vida Livre ou Batalha”, como ponto de análise que cruza a questão da “Subjetividade para Nietzsche e para Husserl”, conforme nos apresenta Kristen Brown Golden. Golden vai fazer uma descrição do que poderíamos compreender mais profundamente questionado, afim de que percebêssemos como seria uma possível reconciliação entre a teleologia de Husserl com a genealogia



de Nietzsche, em torno dos julgamentos morais. Em como, apesar de parecem diametralmente opostas, tais concepções filosóficas vão oferecer uma nova interpretação sobre a vida subjetiva, e sua impossibilidade ante a psicologia, o que vai libertar a subjetividade de uma “atitude natural” e moral; “Batalha de Gigantes Novamente: a Auto-Superação do Niilismo na Europa e na Ásia (Nietzsche, Heidegger, Nishitani)”, onde François Bonardel vai demonstrar – sob um exame dos fundamentos ontológicos e históricos da natureza transcendental e da criatividade da vida desvelada, a relação de Nishitani com o pensamento de Heidegger sobre Nietzsche, de acordo com a proposta daquele de que este teria sido o último metafísico e ativista do niilismo, bem como as fortes ligações entre a concepção de Nietzsche sobre a “transvaloração” e o tipo de fenomenologia vivida conforme iniciou os estudos, mais tarde, Kyoto School; por fim, nessa primeira etapa, indo trilhar em seara inversa, Françoise Dastur vai abordar o que tem “Fink, Leitura sobre Nietzsche: Sobre a Superação da Metafísica”, enfatizando seu estudo sobre a atuação e a criatividade, em como teria sido frutífera uma interação entre Nietzsche e a fenomenologia ao conceber este último como sendo o ponto máximo de uma nova “experiência ontológica”, conforme a concepção de Nietzsche de vida criativa, e como teria antecipado a ideia de “diferença cosmológica” dentro do mundo em si.

Interessante notar as observações de Golden, citada no parágrafo anterior, sobre um ponto essencial explorado na Fenomenologia: a psicologia. A autora dedica quatro compartimentos do texto para tratar do assunto. No primeiro, de título “Psicologia: A Disciplina Decisiva”, a autora relata como ambos Nietzsche e Husserl empregam a genealogia para revelar um mundo interior da subjetividade e um processo de ideação, as quais condicionariam formas experienciais através dos séculos, tendo abordado que “Nietzsche enfatiza um sujeito de conflito e servidão enquanto Husserl enfatiza um sujeito capaz de dar a si mesmo a liberdade” (GOLDEN *apud* BOBLIL & DAIGLE, 2013, p. 63). Para tanto, uma segunda etapa se faz “Especificando o Problema da Psicologia para Husserl”, em *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*<sup>7</sup>, onde a autora vai argumentar que:

Ambos Nietzsche e Husserl enfatizam a consciência vivida como um ponto inicial para a formação dos objetos humanos. O problema geral

---

<sup>7</sup> Indica-se, dessa obra, a versão em português: HUSSERL, E. *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

da tradição psicológica para Husserl é sua estruturação pelas hipóteses de objetivismo psicológico. O objetivismo psicológico é uma “inocência transcendental” que não vai “se extinguir”<sup>8</sup>. O que ele vê como sua consequência é “as degenerações ressoarem em filosofia sobre a ocupação irracionalista, substituída pela inextinguível ideia de filosofia como o mais destacado solo e ciência universal”, e Husserl julga ser irresponsável<sup>9</sup> (GOLDEN *apud* BOBLIL & DAIGLE, 2013, p. 63).

O problema que Husserl busca solucionar, segundo a autora, seria de uma conciliação entre filosofia transcendental e a psicologia moderna. Para tanto, a autora vai detalhar o quanto tais pontos teriam em comum e o quanto se distanciaram ao abordar o tema, com a exposição sobre John Stuart Mill, Alexander Bain, Franz Joseph Gall, Herbert Spencer, Wilhelm Wundt, esses mais adaptados aos métodos das ciências naturais como modelo. Outros, mais românticos e/ou sistematizadores seriam Nietzsche – seu objeto de estudo nesse livro, Benedetto Croce, Edward Caird, Franz Brentano e – outro objeto de estudo no livro, Edmund Husserl, cuja análise crítica é das fontes de cognição.

Ainda explorando essa análise, a autora vai nos demonstrar o que seria uma “Psicologia de Nietzsche: Perspectivismo e as Cadeias da Subjetividade”. Aqui a autora define a proposta de seu texto:

Os escritos de Nietzsche também enfatizam a psicologia e, em particular, a singularidade da percepção humana em seu conceito de perspectivismo, têm sido extensivamente comentados sobre a literatura de Nietzsche. Deverei focar alguns poucos exemplos de seu ponto de vista narrativo em *Genealogia da Moral* para demonstrar os limites da subjetividade que ele sugere [...]. Deverei mostrar como o ponto de vista genealógico de Nietzsche ressoa na ênfase de Husserl nas *Crises* quanto ao mundo-da-vida, ou ainda, um sentido de sua ideia de mundo-da-vida: absorção no fluir do cotidiano. Mas onde o enfoque de Husserl revela as fontes subjetivas da experiência diária para que se liberte a subjetividade dos aspectos irracionais da vida diária moderna, a ênfase de Nietzsche revela contradições nos ideais celebrados que limitam a subjetividade nos surpreendentes meios para o cotidiano. (GOLDEN *apud* BOBLIL & DAIGLE, 2013, p. 69).

---

<sup>8</sup> A autora indica: HUSSERL, E. *The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology*. Translated by David Carr. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1970, § 193 *apud* BOUBLIL, E. & DAIGLE, C. *Nietzsche and Phenomenology: Power, Life, Subjectivity*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2013. p. 63.

<sup>9</sup> A autora indica: HUSSERL, E. *The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology*. Translated by David Carr. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1970, § 197 *apud* BOUBLIL, E. & DAIGLE, C. *Nietzsche and Phenomenology: Power, Life, Subjectivity*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2013. p. 63.

A segunda parte da obra, “Potência (Poder) e Expressão”, nos traz a contribuição de um enfoque na noção de potência (poder), tanto quanto nas possibilidades abertas para uma concepção de vida, e sobre forças e expressões concebidas por Nietzsche e pelas interpretações do mundo-da-vida da fenomenologia.

A superação do pensamento cartesiano encontrou, durante o século XX, as teorias de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. A relevância desse estudo vai ser trazida nas linhas que se seguem nos textos dessa segunda parte, com aproximações e distanciamentos entre tais pensadores e Nietzsche, que pronunciara conceitos que se aproximaria, mais tarde, da fenomenologia.

Babette Babich trabalha o aspecto filológico e dramático de Nietzsche, bem como Élodie Boubil vai investigar a questão da “Visão e do Enigma” na leitura dos fenômenos do mundo, em vias de que se compreenda a percepção perspectivista de Nietzsche, e como isso tem eco no pensamento dos autores do século XX, em torno do enigma da subjetividade, sob o aspecto da “vontade de potência”, em seu encontro com a “consciência intencional” do mundo.

Problemas éticos e ontológicos de Nietzsche, que se vão entrecruzar com a fenomenologia. Em como sua epistemologia, para que se desvende a subjetividade, seja por vias de uma biologia, seja pelo o que podemos notar de uma superação de Descartes, junto de uma interpretação da obra de arte feita por Merleau-Ponty, observada a partir do *Nascimento da Tragédia*, terá na questão da transcendência e da encarnação (a carne do mundo), assim como da concepção de subjetividade corporificada e sua relação com o mundo-da-vida.

Dessa parte citada acima, pode-se explorar o capítulo “Deiscência Originária: Um Convite a Explorar as Ressonâncias entre as Filosofias de Nietzsche e Merleau-Ponty”, onde serão analisadas as concepções genealógicas e arqueológicas de Nietzsche e Merleau-Ponty, sobre atividade e passividade, também demonstrando uma vontade similar de superação das dicotomias cartesianas e metafísicas. Em “Nietzsche e Merleau-Ponty: Arte, Vida Sagrada e Fenomenologia da Carne”, de Galen A. Johnson, será observada a obra de arte exposta na pintura de Rafael, e o significado de Transfiguração na análise de Nietzsche sobre essa obra, em *Nascimento da Tragédia*, e o entendimento de Merleau-Ponty do significado de Transfiguração da carne.

A terceira parte nos é apresentada como uma tentativa de compreender a avaliação das consequências éticas, políticas e ontológicas da leitura de Nietzsche, junto da fenomenologia, sob a análise detalhada do conceito de subjetividade apresentado

pelos resíduos da metafísica ou pelas calamidades pós-modernas, enquanto ainda mantido como preso aos desafios da vida e do poder (potência) que os motiva.

Essa parte, de título “Subjetividade no Mundo” traz a seguinte abordagem, e seus autores: “A Filosofia da Manhã: Filosofia e Fenomenologia em *Aurora* de Nietzsche”, por Keith Ansell-Pearson. Aqui, Ansell-Pearson, argumenta que *Aurora* tem um Nietzsche que o carrega com uma série de análises fenomenológicas antes mesmo dos desafios do método fenomenológico encarar a presunçosa epistemologia cartesiana no pensamento sobre o processo de conhecimento. Tal perspectivismo teria ocorrido, decerto, antes mesmo da tarefa infinita da interpretação do mundo, como experiências da vida e sobre a filosofia “experimental”. No caso de Lawrence J. Hatab, o que se encontra é uma análise sobre “Aparência e Valores: Nietzsche e uma Ética para a Vida”. Nesse capítulo poder-se-á notar a premissa de uma fenomenologia dos valores da vida humana, cujo foco seria as questões da aparência dos significados e valores e suas consistências, ainda que em oposição às poderosas relações históricas e culturais, sendo eles mesmos todos entrelaçados. Isso seria uma forma de abordagem sobre as preocupações originais da fenomenologia e o mundo-da-vida, como problema ético, e as relações intersubjetivas. Didier Franck assina os últimos artigos, com “O Objeto da Fenomenologia” e “Além da Fenomenologia”, onde o autor vai argumentar sobre a intencionalidade conduzida revelada e a experiência corporificada como objeto próprio da fenomenologia, e também como fonte de suas questões mais relevantes e, ainda não, solucionadas, dentro dessa área de conhecimento. Há, para isso, contudo, um embate entre Nietzsche a fenomenologia como indicação que se mantém como voltada para a filosofia tanto como os limites éticos e ontológicos do pensamento contemporâneo. Suas implicações e caminhos trilhados dentro de nossos debates se entrelaçam, aqui e ali, com questões que nos remetem à psicologia, ao existencialismo, aos sentimentos morais, e ao pensamento que endossa o que teria postulado Nietzsche e, mais tarde, nos relegaria Husserl e Heidegger para o pensamento filosófico do terceiro milênio.

### **Considerações Finais**

Conhecer, segundo uma tradição filosófica, sempre se compreendeu como uma relação ou apenas interna observando as estruturas externas, ou apenas – como outrora, as estruturas externas moldando as internas. Entretanto, atualmente há quem compreenda a forma de se conhecer que foge desse parâmetro sujeito versus objeto, mas

sim, um “entrelaçamento”, um duplo envolvimento de interesses que notam e se demonstram, e que se complementam ao observar algum “objeto” que se percebe, e quando se vai até ele, já há nisso alguma pré-determinação. Toda essa parafernália teórica, que se apresenta um tanto quanto confusa, é – na verdade, como se compreende um discernimento de mundo, uma compreensão que se pode chamar “conhecimento” como fruto das especulações e dos estudos da fenomenologia. Husserl, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, por exemplo, são os nomes específicos da epistemologia Fenomenológica, entretanto, que se entrecruzam com outro pensador, Friedrich Nietzsche. Este último, anteriormente a esses, indica um caminho de conhecimento e algum “saber” que não se encaixa nos parâmetros da tradição conforme cartesianamente nos vemos inseridos, mas sim, de maneira mais irracionalista, tira do “sujeito pensante” esse mérito total, se esquivando de tal forma de Razão, para buscar o que o pensador chama de “Grande Razão”, vale dizer, as atribuições de percepção estético-sensitiva dos afetos, ou mais simplesmente, o “corpo”.

O esforço teórico das organizadoras da obra, juntamente de seus convidados a comporem o livro, com seus textos e propostas, é notado quando se avalia a relevância da obra de Nietzsche, e seu “perspectivismo”, junto de uma linha epistemológica, contemporânea, atual, do nosso tempo, e que traz uma miríade de possibilidades analíticas. Pensemos como tais pensamentos, ainda que distantes no tempo, não são tão diametralmente opostos, como se pode observar quanto outras de suas abordagens. Conhecimento, como se propõe dizer neste texto, como prenúncio do “fenomenológico”, ou mesmo perspectivista, passa mesmo por questionamento em Nietzsche, tanto em *Humano, Demasiado Humano* quanto em *Gaia Ciência*, ou mesmo, poderíamos ver questionamentos semelhantes também em *Aurora* ou *Além de Bem e Mal*.

Certamente, uma investigação sobre a relação entre o pensamento de Nietzsche e o movimento filosófico da fenomenologia, e como poderíamos renovar os debates contemporâneos, em torno do tema. Não deixa de ser, de forma alguma, um conjunto de textos dotado de provocações em variados temas entre o autor em questão e a proposta epistemológica da fenomenologia, sobremaneira, em termos de perspectiva, consciência, aparência, corporificação, etc.

## **Referências**

FOGEL, G. *Conhecer é Criar: um ensaio a partir de F. Nietzsche*. Coletânea Sendas & Veredas, sob coordenação de Scarlett Marton. 2ª Ed. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2005.

HUSSERL, E. *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MÜLLER-LAUTER, W. *A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche*. Apresentação Scarlett Marton, Tradução Oswaldo Giacoia Junior. 2ª edição. Coleção E: 6. São Paulo: Annablume, 1987.

NIETZSCHE, F. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*.

Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAFRANSKI, R. *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. Tradução de Lya Lett Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2011.